

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Titãs da Civilização
Ocidental 5



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Nogueira, Rafael

Titãs da Civilização Ocidental: Aula 5

ISBN:

1. História do mundo antigo

CDD 930

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

“Só sei que nada sei”, de Platão, guarda um sentido mais profundo do que o aparente. Da mesma forma, a informação que nos foi transmitida por Aristóteles de que o homem é um animal político. Ambas não são repetidas até hoje sem motivos. Foram múltiplos e decisivos os conhecimentos deixados à humanidade por esses dois filósofos. Nesta aula, a trajetória dessas personalidades marcantes é exposta, bem como aspectos fundamentais de seus ensinamentos.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: quem foram Sócrates, Platão e Aristóteles; qual diferença marca a filosofia dos pré-socráticos e a filosofia desenvolvida a partir de Sócrates; a teoria das almas de Platão; a teoria das ideias de Platão; a ciência das causas de Aristóteles; as funções da poética, da retórica e da investigação científica; o papel das virtudes; o bem supremo aristotélico; a teologia aristotélica.

INTRODUÇÃO

Hoje, vamos falar sobre Platão e Aristóteles, com maior ênfase neste segundo. Platão estará mais presente na parte da contextualização, uma vez que não podemos abordar Aristóteles sem mencionar com quem estudou, que foi justamente Platão.

Na aula anterior, informei a vocês que as principais fontes acerca de Sócrates são os diálogos de Platão, a obra “As nuvens” de Aristófanes, e as obras de Xenofonte. Apesar de não ter mencionado, Aristóteles também dá testemunho da existência de um Sócrates. Ao falar deste, Aristóteles referia-se a alguém que realmente havia existido em Atenas e realizado todos aqueles feitos. Por isso, podemos introduzir Aristóteles como mais uma fonte sobre a vida de Sócrates.

SÓCRATES E A FILOSOFIA HUMANÍSTICA

A filosofia pré-socrática é chamada de filosofia cosmológica. Sócrates foi um homem que deu o primeiro passo para a filosofia se transformar em algo dito humanístico. Com Sócrates e aqueles com quem dialogava, os sofistas, grandes professores da época, inicia-se uma nova fase mais focada nas questões humanas. As questões humanas são as questões políticas, as questões morais, as questões

até mesmo estéticas. Enfim, todas as questões que dizem respeito à vida humana, à apreciação humana, ao conhecimento humano e à interação humana.

Sócrates inicia a filosofia humanística com questionamentos e com um modo muito específico de responder a essas questões. O modo de fazer essas questões era propô-las àquelas pessoas que deveriam saber as respostas. Com isso, Sócrates mostrava o limite do saber dessas pessoas. Por outro lado, criava, com sua forma de dialogar, uma maneira de extrair novas ideias do diálogo. Era um diálogo que se caracterizava por ser filosófico justamente porque buscava o saber.

A palavra sabedoria teria aparecido pela primeira vez com Pitágoras. Afirmaram que ele era um sábio e passaram a apresentá-lo assim. Sábio, em grego, é *sophos*. Pitágoras argumentou que não era sábio, mas um *philosophos*, ou seja, aquele que busca e que ama o saber. Ele se declarava um amigo do saber. Assim, primeiro surge a palavra filósofo e, depois, a palavra filosofia, para designar o afazer do filósofo.

Sócrates, por sua vez, dá um exemplo de investigação filosófica um tanto diferenciada, em que se encaminha da natureza, da *physis*, para a humanidade e as questões humanas.

PLATÃO, UM ALUNO DE SÓCRATES

Um dos principais alunos de Sócrates, além do Críton e do Xenofonte, aos quais me referi na aula anterior, é Platão. Platão era um sujeito forte pertencente a uma família muito rica, com um grande patrimônio. Seu nome verdadeiro era Arístocles, mas acabou ficando conhecido por seu apelido, Platão. Platão era alto e fazia educação física. Para se tornar aluno de sua escola, havia exigências tanto físicas quanto intelectuais. A pessoa precisava ter algum treino em educação física, ou seja, ser esportista, e também saber geometria e, em alguma medida, matemática. Platão realizava uma espécie de vestibular, em que o pleiteante à sua escola fazia provas para atestar sua boa condição física e seus conhecimentos de geometria.

Mas, antes de Platão ser dono da Academia, como foi a vida ele? Até os trinta anos, Platão acompanhou Sócrates. Ele teve uma vida de aristocrata ateniense. Além de ser cidadão, Platão era integrante de uma família com vasto patrimônio e com muita influência. Platão foi um dos jovens encantados por Sócrates. Ele o seguia e anotava tudo que falava. Isso contribuiu para que os diálogos de Sócrates ficassem famosos. Mais: Platão tinha claramente um veio literário. Ele escrevia muito bem. Isso

é perceptível ao comparar “Apologia de Sócrates” do Platão com “Apologia de Sócrates” do Xenofonte. Enquanto este último é um tipo de relatório, o do Platão é um texto literário, em que cada frase é bonita. Sequer temos certeza se Sócrates falava tão bem assim, uma vez que a escrita do Xenofonte é um pouco mais direta e ao do Platão é belíssima. Nas obras platônicas, sempre que Sócrates fala, parece haver uma trilha sonora por trás. Então, Platão tinha uma capacidade literária extraordinária. Às vezes, Platão utilizava uma lousinha de cera para anotar os discursos, porque o papel era muito caro e de difícil acesso na época. Os gregos tinham uma capacidade memórica muito boa, pois a arte da memória era muito treinada lá, e Platão não era diferente. Ele tinha uma memória melhor do que a nossa. Platão fazia os registros com toda uma arte e, por ter a capacidade de escrever, foi se transformando em um *best seller*. E assim, como eu disse, os livros dele sobre Sócrates, os diálogos, foram ficando famosos. Ao mesmo tempo, Platão fez algumas viagens de estudo, análogas àquelas do Tales. Platão visitou o Egito, várias cidades-Estado gregas, a Ásia Menor, e retornou para Grécia.

Um aparte: José Bonifácio, em seu último discurso em Portugal, disse para Academia de Ciências de Lisboa que, tal qual outro Tales e Pitágoras, levaria a ciência do velho Egito à nova Grécia. Ou seja, levaria a ciência da Europa à nova Grécia, que era sua forma de interpretar a América. Em outras palavras, ele aprendeu com o velho, com a Europa, e vai fazer o novo na América.

Platão é um tipo desse. Ele viajou para os continentes velhos e voltou para a Grécia, que era o que havia de mais novo, para cultivar os seus conhecimentos. Ao retornar, Platão abre uma escola. Em Atenas, era um grande negócio abrir uma escola. Um pouco antes de Sócrates aparecer e encher a paciência de todos, o que havia era escola de oratória e retórica, na qual a maioria das pessoas matriculava os seus filhos.

Para ficar mais claro, quero fazer uma analogia com os tempos atuais. Isso está lentamente se modificando hoje em dia, mas quem é abastado, quem faz parte da elite, normalmente coloca o filho em uma escola famosa que possibilitará a aprovação no vestibular das melhores universidades. No Brasil, geralmente públicas.

Na Grécia, o equivalente era fazer com que o filho tivesse capacidade de oratória. Como os assuntos eram muito debatidos em ambientes públicos, os pais desejavam que os filhos fossem persuasivos, para defender os interesses da família. Por isso, as famílias colocavam seus filhos em escolas de retórica. Os sofistas, aos

quais sócrates importunava, eram professores de retórica geralmente. A palavra sofista também tem raiz *sophos*, ou seja, os sábios. O pensamento dos sofistas era um pouco mais elaborado do que somente retórica, o qual servia para a estrutura das aulas deles.

Górgias, por exemplo, era um professor famosíssimo de oratória. Ele possuía uma base proto-filosófica¹, quase filosófica, mas não tinha um vasto campo filosófico, criado, desenvolvido, nem uma visão filosófica fechada. Ele tinha o limite de não ter uma filosofia bem estrutura com um corpo de visão completo. Górgias dizia que a verdade não existe. Quando um homem fala isso, está querendo te ensinar a convencer qualquer pessoa de qualquer coisa porque, afinal, a verdade não existe. Górgias ainda complementa que se a verdade existisse, não poderia ser conhecida. Ou seja, primeiro Górgias afirma com toda força que a verdade não existe. Depois, afirma que, ainda que existisse, não poderia ser conhecida. Alguém deve ter enchido a paciência dele, porque ainda acrescentou: mas ainda que pudesse ser conhecida, não poderia ser comunicada. O homem que diz isso e é professor está querendo te ensinar a convencer qualquer pessoa de qualquer coisa. A base dele era o relativismo.

Pensamos que o relativismo e aqueles argumentos de que tudo é relativo, de que as pessoas têm visões diferentes, é algo moderno. Ninguém pensa na realidade. No caso, isso era o que vigorava entre os sofistas. Protágoras, outro sofista, dizia que o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são. Tudo relativismo. Assemelha-se a filosofia contemporânea.

Sócrates soluciona essa situação com seus questionamentos, ao solicitar conceitos. Caso você queira, há diálogos de Sócrates tanto com Górgias quanto com Protágoras.

Platão, por sua vez, quis começar a estruturar uma filosofia desse jeito. Platão foi o primeiro homem que começou a dar respostas mais responsáveis a cada uma dessas questões que hoje chamamos de tratados da filosofia ou grandes disciplinas da filosofia. Platão respondeu às perguntas: como conhecemos? O que é a alma e como se estrutura a alma humana? O que é ser bom e o que é o bem? Qual o sistema político ideal? Platão respondeu a várias dessas perguntas propostas por Sócrates, tornando-se uma espécie de respondedor. Em alguma medida, podemos considerá-

¹ O radical proto designa inicial.

lo um continuador de Sócrates. No entanto, em outro sentido, Platão é o inaugurador de uma outra maneira de filosofar: a maneira de criar teses, de responder às perguntas.

Sabemos disso porque há diálogos platônicos em que Sócrates se descaracterizava, convertendo-se em um Sócrates respondedor, que explicava as teorias. “A República”, por exemplo, é um livro dividido em dez tomos ou dez livros². Os tomos iniciais são um tanto socrático. Há o Sócrates propondo questões, debatendo. Depois, entretanto, Sócrates começa a contar alegorias e explicar tudo. Embora não tenhamos certeza absoluta, a visão tradicional considera que é Platão falando pelo personagem de Sócrates.

Platão não ensinou somente por meio dos livros, transformando Sócrates em um respondedor. Há dois pontos que nos fazem pensar que Platão tinha outro ensino. Primeiro, seu livro final, chamado “As leis”. Neste, Sócrates não é o personagem. Em “As leis”, um personagem representa Atenas, outro, Tebas, e outro, Esparta. São, portanto, personagens universais, que representam essas comunidades. O segundo ponto é Giovanni Reale, um filósofo italiano, em seu um livro “Para uma nova interpretação de Platão”, dedicou-se a estudar o que era o ensino da Academia platônica, pois Platão também escrevia textos com suas visões mais vinculadas à parte didática, da educação dele. Ademais, há outras perspectivas suas que Platão não escrevia. Temos certeza disso pois, em um trecho da sétima carta das sete cartas de Platão, ele afirma que existem coisas sobre as quais não podemos escrever. Ou seja, ele dá a dica de que ensinava alguns conhecimentos oralmente que não escrevia. Sabemos também, pela tradição, que Platão tinha livros didáticos da Academia dele. Tudo isso foi perdido. Não temos um livro didático da Academia platônica. Só temos os livros escritos para divulgação.

As escolas de retórica x a Academia platônica

Quando cria a Academia, Platão estabelece em Atenas uma escola que seguia parâmetros contrários aos de Górgias, aos de Protágoras e aos de Isócrates, que era o professor mais famoso daquela época. Isócrates era um homem que também ensinava mais filosofia, mas era mais ligado aos pré-socráticos.

² Chamamos de livro porque Platão os escrevia em divisões de rolo.

Para Isócrates, a filosofia era o estudo inicial. Somente depois de alguns anos o aluno estava pronto para aprender oratória, pois era esta que coroava o aprendizado. A filosofia era usada para adquirir repertório, para conceder ao estudante algumas visões mais sofisticadas sobre a realidade. Nenhuma é verdade, por isso, não importa. Depois, o aluno de adquirir uma visão mais sofisticada, o aluno estava pronto para aprender justamente o mais importante, que era falar, escrever, construir discursos e ser persuasivo. Há quem pense assim até hoje, ou seja, que é preciso estudar um pouco filosofia e literatura para melhorar o discurso e convencer a todos.

Platão faz o contrário. Ele cria um sistema de ensino em que o estudante começa aprendendo oratória e retórica. Para adentrar à Academia, o jovem só era testado em matemática e em educação física. Por ser jovem, precisava amadurecer. Então, a Academia o ensinava oratória, para falar melhor, humanizava-o, ensinava-lhe a escrever, ensinava-lhe literatura e Ilíada. A filosofia era ensinada somente em um estágio mais avançado, pois era voltada aos adultos.

Sabemos disso porque Platão registrou esse sistema de educação no livro “A República”. No meio dos diálogos, Sócrates propõe o que é mais interessante para as pessoas se transformarem em plenamente humanas, em realizadas. Sócrates responde que o ideal é existir uma escola a que todos comparecem e em que são identificadas quais pessoas têm capacidade para prosseguir com o estudo. As pessoas que não tem capacidade param em um primeiro momento. Ou seja, elas estudam um pouco de literatura, um pouco sobre como falar melhor e aprendem algumas tarefas mecânicas, até para produzir coisas. Seria uma espécie de curso técnico. Essas pessoas são aquelas que não estão muito interessadas em teorias, que não tem capacidade de abstração e que não tem capacidade de, como dizia Platão, chegar às ideias.

O mundo das ideias

O que são ideias? Enquanto Sócrates buscava a definição e a resposta à pergunta “o que é?”, Platão afirmava que essas coisas, em alguma medida, realmente existiam. Por exemplo: o que é a cor branca? A brancura, enquanto ideia, existe e pode-se chegar a ela intelectualmente. Em Mênon, outro diálogo sobre educação, Platão mostra que não é apenas chegar a essa ideia, porque, em alguma medida, já a vimos. Para ele, antes de nascermos, teríamos visto algumas ideias no mundo das

ideias. Aqueles que viram mais ideias, tem mais capacidade de reconhecê-las. O indivíduo que viu muitos atos maus, por exemplo, vai reconhecendo a ideia de maldade. Se o indivíduo viu muitas capivaras, acaba conhecendo a capivaridade. Ou seja, ele consegue explicar a alguém o que é a capivara de uma outra forma universal, válida para todas capivaras, justamente porque chegou à ideia de capivara. Isso acontece porque provavelmente viu a ideia de capivara no mundo das ideias. É um tanto sofisticado, mas é isso.

Platão afirmava que as pessoas que estão entediadas fazendo curso técnico e estudando oratória e literatura deveriam ser mandadas embora da escola. Segundo ele, era preciso reconhecer que algumas pessoas são talhadas para as artes mecânicas. Para Platão, além de não se desenvolverem na escola, essas pessoas seriam perdidas enquanto trabalhadores. Ele queria manter ali interessadas outras almas, as almas que viram mais ideias. Mais: em um dado momento, almas que já adquiriram mais virtudes, mais compreensão, principalmente de moral, a compreensão do dever e da necessidade de se sacrificar pelos outros, pelo todo bem, pessoas inteligentíssimas, tem de ser voltadas para outra atividade, porque não iriam passar para o ensino superior. Essas pessoas tinham que pertencer ao corpo militar e administrativo. Essas pessoas, já formadas, deviam ser militares ou políticos. Mas político em um nível menor, de administrador local. O político maior, ou seja, o rei, precisa pertencer ao último estágio.

No último estágio, estão as pessoas que viram mais ideias e que, pelo ensino, vão reconhecendo mais ideias e sabendo explicá-las. Esses serão os filósofos. E, para Platão, os filósofos têm que ser os governantes ou os governantes têm de se tornar filósofos. Para ele, a Academia platônica era voltada a isso.

Platão e a política

O primeiro encanto do Platão foi a política. Ele gostava de discuti-la e, em sua carta autobiográfica, conta que queria saber qual era o modelo ideal. Com o dinheiro que tinha, e com a formação que teve de Sócrates, pensou em criar a melhor escola e formar os políticos perfeitos. Assim, cria a sua escola e tem a intenção de, depois, formar o político de uma província próxima, que era seu primo. Platão vai para essa província, forma seu primo, dá aulas, mas tudo dá errado. Seu primo não faz nada do que tinha que ser feito. Ele discute com Platão e o prende. Platão é então vendido em uma feira de escravos. Foram os discípulos de Platão que o compraram de volta.

Depois disso, Platão retornou à Academia e decidiu se centrar na filosofia. Ou seja, a Academia nasce como um projeto político e somente posteriormente se transforma em um projeto mais espiritual. Platão passa a exigir dos alunos dietas específicas e se volta mais para a ascese espiritual.

ARISTÓTELES

Em um dado momento, no qual Platão viajava a fim de tentar aplicar esse modelo político, um jovem de 17 anos vindo da Macedônia, uma província localizada ao norte, ingressa na Academia. Seu nome era Aristóteles. Nessa época, Aristóteles já possuía uma formação. Seu pai, Nicômaco, era um famoso médico, da corte de Felipe II, o rei da Macedônia. Aristóteles, ainda jovem, teria estudo com seu pai, o qual gostava de dissecar animais³ para tentar entender os seres humanos, conhecimentos mais biológicos. Com isso, Aristóteles começou a gostar de animais, de biologia, de desenvolvimento biológico e orgânico. Esses conhecimentos ficam muito na cabeça de Aristóteles e caracterizam-no por um bom tempo.

Aristóteles é enviado para estudar na Academia platônica, a qual havia ficado famosa e passava a se notabilizar como uma escola de gênios, pois os alunos de Platão eram superiores aos de vários outros.

Eu mencionei que ter uma escola era um bom negócio. Quero explicar como isso funcionava. Na Academia de Platão e na escola de Isócrates, os alunos tinham um programa mínimo de três anos para cumprir. Era uma espécie de faculdade. Depois de cumprido esse programa, era possível prosseguir os estudos até a velhice. Para se tornar aluno, era preciso pagar o curso inteiro de imediato. O valor correspondia ao de um imóvel. Ou seja, era gigantesco e acessível para pessoas ricas. Sócrates tinha o orgulho de ensinar de graça e de lotar de pessoas em seu entorno. Isso explica porque Aristóteles, filho do médico de uma corte, foi estudar na Academia de Platão. Quando ingressa na Academia, Platão não estava lá. Aristóteles tinha aula com outros professores pertencentes à instituição. Muitos acham que, por ser a escola de Platão todos tinham aula com ele, mas não era assim. Platão era o homem mais importante, uma espécie de reitor. Ele escrevia obras para fora, livros didáticos, orientava professores. Ele formou a primeira turma, mas era uma instituição gigantesca.

³ Pela religião grega, era proibido dissecar humanos e abrir os corpos de mortos.

Depois de um ano na Academia, Aristóteles se torna professor de retórica, como se fosse um estagiário. Na Academia, o aluno, passado um certo tempo, podia se transformar em professor para aplacar parte do pagamento e para ajudar.

Aristóteles desenvolveu uma novidade. Ele faz uma relação entre o que havia aprendido de biologia e medicina com a estrutura dos discursos. Ele desenvolve a criação de um discurso de acordo com o batimento cardíaco daquele que estava ouvindo. Ele quer mostrar que, para você causar emoções, suscitar emoções no ouvinte, você precisa ter um certo domínio do seu próprio corpo, para você transformar o seu discurso em algo que, primeiro, tenha a ver com o estado natural dos ouvintes, e, depois, que os conduza aos estados que você quer. Ele traz essa ideia e cria uma visão orgânica da maneira de discursar. Para se aprofundar neste tema, vocês podem ler “Retórica” do Aristóteles. Acredita-se que a obra é baseada no curso que Aristóteles lecionava. Aristóteles começa a dar esse curso frequentemente na Academia platônica. Ele ganhou o apelido de ledor, porque, enquanto os alunos se achavam gênios por frequentar as aulas e iam discutir, Aristóteles se isolava e lia por mais tempo. Além do apelido de ledor, de leitor voraz, do homem que só lei, Aristóteles também ganha um apelido meio pejorativo, de inteligência, porque sobre tudo que conversavam, Aristóteles tinha uma posição. Ele era a inteligência. Era um apelido zombeteiro para o cara que tinha resposta para tudo e lia tudo. Percebiam que Aristóteles já era considerado um mala da escola, porque questionava incessantemente os professores e se via como um dos melhores alunos.

Aristóteles tinha a expectativa de se tornar o reitor da Academia platônica, mas, com as desavenças que vai criando, percebe que não conseguirá ocupar esse cargo. Já com vinte e poucos anos, ele começa a refletir sobre o que vai fazer da vida. Beirando aos trinta anos, ainda um jovem professor, Aristóteles recebe o convite do Felipe II de lecionar para o jovem príncipe Alexandre. Assim, depois de cerca de quinze anos, Aristóteles deixa a Academia para dar aulas a Alexandre que, posteriormente, transformar-se-ia em Alexandre, o Grande. Ele já não era mais uma alma de bronze.

Em “A República”, Platão expressa que havia três categorias da alma: bronze, prata e ouro. A alma de bronze compreende a virtude da temperança, de conseguir segurar as vontades, a voracidade por prazer, para trabalhar. A alma de prata consegue compreender ainda mais a *andreia*, que é a coragem. A alma de prata

compreende que se sacrificar pelos outros é algo valioso. A alma de ouro compreende o conhecimento, o saber, a sofia. Ela adquire a virtude de buscar o conhecimento.

Aristóteles já foi professor da Academia platônica e escreveu diálogos, que ficaram famosos. No contexto da república romana, Cícero escreveu que o melhor escritor que já tinha lido era Aristóteles. Prestem atenção na dimensão deste elogio, pois Cícero é tradicionalmente considerado o melhor orador na história de Roma. Esses livros de Aristóteles, infelizmente, foram todos perdidos. Só temos o que diziam deles. Os textos de Aristóteles a que temos acesso são os textos de sua escola, que surgiu somente depois.

Aristóteles deixa a Academia platônica e forma Alexandre. Por isso, é retribuído com dois prêmios. O primeiro deles é o financiamento que Felipe II faz à reconstrução de sua cidade, Estagira, que havia sido destruída pela guerra. O segundo é o financiamento da criação de sua escola em Atenas. Ele escolheu Atenas porque, além do quesito competição, havia mercado, tinha alunos, tinha pessoas com condições de pagar. Ele abre então o Liceu.

Ainda não falamos sobre a mãe do Aristóteles, que também é um tema interessante. Na Macedônia, a cultura grega era muito rarefeita. Poucas pessoas tinham a capacidade para o teatro, para a dramaturgia, para a reflexão filosófica. A mãe de Aristóteles, no entanto, vinha da Grécia mais clássica e tinha ligação com famílias atenienses.

Aristóteles foi um estudante rebelde, chato com os professores, muito leitor. Ele fazia questão de ler todos os arquivos da biblioteca da Academia. Ou seja, ele conhecia os pré-socráticos, as teorias físicas, as teorias de retórica, as teorias humanas, que já tinham sido criadas pelos sofistas. Os textos órficos espirituais que a biblioteca platônica acumulava. Aristóteles leu tudo. Ao mesmo tempo, ficou ambicioso. Tornou-se professor de retórica e quis cargos mais altos na Academia. Como não estava conseguindo, aceitou facilmente o convite de Felipe II para criar o filho dele, o príncipe Alexandre. Após, Aristóteles recebe o financiamento da reconstrução da sua cidade e o financiamento de uma escola. Agora estamos falando do Aristóteles que conhecemos. Ele já havia publicado alguns livros, alguns diálogos famosos, a exemplo dos diálogos platônicos que eram filosóficos e, concomitantemente, literários. Essas obras não nos chegaram.

As invenções aristotélicas

Aristóteles monta o Liceu, uma escola que, ao mesmo tempo que assemelhava-se à Academia platônica, possuía características muito próprias. Aristóteles gostava de dar aulas caminhando. É o tal do *peri-pathos*, a aula através da sensação. Aristóteles dava muitas aulas de física mesmo, de *physis*, da natureza. Para isso, cria o jardim zoológico, para que seus alunos estudem andando, vendo os animais. Ele também cria o jardim botânico, para estudar as plantas. Aristóteles cria o museu. Alexandre, que ainda não havia recebido a alcunha de o Grande, mandava de suas viagens comitivas com itens para Aristóteles. Com esses itens, vindos da cultura egípcia, babilônica, entre outras, Aristóteles fez o museu. Ele tinha muito disso, de refletir, de pensar, de ensinar, caminhando. Não era só o *peri-pathos* que caracterizava o Liceu aristotélico. Era também essa ideia mais naturalística e de acumulação. Como leitor, Aristóteles monta uma biblioteca e começa a ser responsável também por acúmulo de dados históricos. Tanto que foi um dos primeiros a escrever sobre a história da filosofia. Assim, ajudou-nos a pensar sobre a história da filosofia. No livro 2 de “Metafísica”, Aristóteles conta toda história do pensamento, explicando porque ele é o grande. Como vocês podem perceber, Aristóteles também tinha uma autoestima bem elevada. Era autoconfiante. Em “Das partes dos animais”, Aristóteles explica os animais. Em “Da geração e da corrupção”, explica como as coisas surgem, crescem. Ele quis encontrar uma espécie de regra da evolução. É bem diferente da darwiniana, mas ele cria uma maneira de enxergar o desenvolvimento dos entes biológicos. Ele escreve, também, um livro sobre a meteorologia. Ele prevê um eclipse.

Aristóteles dizia que assistir a competições esportivas e ao teatro era uma atividade filosófica muito boa. Era melhor até do que promover um teatro e do que jogar. Ele dizia que quem está assistindo a um jogo, a um evento esportivo, pode fazer as devidas reflexões sobre o que está acontecendo ali e ficar mais inteligente por isso. Deste ponto de vista, aquelas discussões sobre futebol não são tão ruins assim. Aristóteles gostava de literatura e de teatro e desenvolve uma teoria da leitura, presente em “Poética”, criando os gêneros literários e sendo o primeiro a desenvolver teoria literária. Aristóteles cria a psicologia e a *peri-psyché*, uma visão que explica como a nossa mente é estruturada e como a nossa mente se desenvolve. Em “tópicos”, Aristóteles explica como investiga as coisas para, em “Analíticos”, criar e

desenvolver a lógica. Um homem desses, provavelmente, tinha em suas mãos a melhor escola da época.

Os livros de Aristóteles são tão, eu diria mal escritos, mas criticá-lo é muito ousado. Os livros são tão diretos ao ponto, que são um tanto insossos do ponto de vista literário. Pressupõe-se que foram escritos por alunos e só revisados por ele, rapidamente. Em “Ética a Nicômaco”, por exemplo, um dos meus livros favoritos, a primeira questão já está colocada na primeira frase: “Toda arte, todo projeto, bem como toda atividade humana se voltam a um fim, se dirige a um fim”. Na segunda frase, ele afirma que observamos que o bem e o fim coincidem, então, é correto dizer que pensar na finalidade é pensar no bem e vice-versa. A ideia principal está posta e, a partir disso, começa a fazer derivações, a destrinchar, a fazer desenvolvimentos lógicos. Por isso, quem não presta atenção em uma frase acaba perdendo um pouco o emaranhado lógico que ele constrói. Quanto ao nome do livro, quero fazer uma breve menção. O nome do pai e do filho de Aristóteles era Nicômaco. Presume-se que tenha escrito a obra para seu filho. Há outra hipótese de que tinha um aluno com esse mesmo nome, o qual escreveu o livro, uma transcrição da aula dele.

O segundo a morrer?

Atenas acentuou o movimento de decadência que já estava presente quando falamos de Sócrates. Por isso, a ideia de identificar quem era espião, quem era inimigo, continuava. Aristóteles vinha da Macedônia. As primeiras guerras tinham sido contra os persas. As segundas, contra os espartanos. O terceiro momento de guerra, contra os tebanos. O quarto, é contra os macedônios. Ninguém sabia que Felipe II ia invadir Atenas, mas ele estava invadindo cidade por cidade. Havia um homem chamado Demóstenes, o qual escreveu artigos, discursos e mais discursos, alertando que Felipe II ia invadir Atenas e que ninguém estava prestando atenção e dando valor a isso. Todos achavam que Demóstenes estava exagerando. Demóstenes reforçava o alerta, dizendo que Felipe II já havia invadido tais e tais cidades e que queria cercar Atenas para evitar que tivessem condições de montar um exército. Embora concordassem com essas percepções, ninguém fazia nada a respeito. Diante desses discursos, as pessoas passaram a desconfiar de Aristóteles, pois era macedônico. Fazem uma denúncia contra Aristóteles, que é condenado à morte. Aristóteles afirma que não vai deixar que Atenas cometa um segundo crime contra a filosofia e vai

embora. Ele não se deixa matar, mas seria o segundo filósofo morto pela democracia ateniense.

Acontece que Demóstenes estava certo. Felipe II invade e toma Atenas. Demóstenes é preso e, para não ser morto, toma o veneno que levava consigo, matando-se. Felipe II acabou morrendo um pouco depois e foi sucedido por seu filho Alexandre, o Grande, que avança sobre vários reinos. Falaremos mais sobre Alexandre, o Grande, em uma aula próxima, porque falarei de Plutarco, seu biógrafo. Aristóteles já estava longe da escola e possuía uma condição patrimonial adequada. Ele pode viver uma espécie de aposentadoria, sem riscos econômicos. Fora de Atenas, não desenvolve mais grandes coisas. Ele escreve seu testamento com muita tranquilidade.

Fim e seus prolongamentos

Esqueci de mencionar a vida familiar dele. Aristóteles já era casado quando abriu sua escola e tinha alguns filhos. Ele se casou duas vezes, pois sua primeira esposa faleceu. Naquele período, Aristóteles não ficou tão conhecido assim. Ele faleceu no estilo “tentei fazer a melhor escola, fiz meu melhor e espero que minha obra perdure”. Ele falece e seus alunos continuam com a escola peripatética. A escola não levou o nome dele justamente para evitar o contato com ser a escola do macedônio. Então, eles mantiveram a ideia de um Liceu peripatético. Os peripatéticos eram os aristotélicos. Não surgiu nenhum novo Aristóteles daí. A obra de Aristóteles ficou séculos sem ser absorvida na integralidade por leitores e por alunos. Apenas um ou outro livro seu é lido.

No contexto romano, suas obras são encontradas na adega de um ricaço, que tinha morrido e deixado um monte de bebida e livros acumulados. Dentre estes livros, estavam cópias dos livros de Aristóteles. Nós só temos seus livros por causa deste homem. As obras encontradas foram entregues a Andrónico de Rodes, um peripatético que conhecia um pouco de Aristóteles, porque tomava aulas com descendentes da escola aristotélica. Entregam-lhe os escritos e pedem que os organize. Era quase uma centena de livros. Andrónico foi dando nome aos livros e organizando-os, às vezes, em corpos. Ele que inventou, por exemplo, o Organon, um conjunto dos livros que dizem respeito ao discurso da lógica. O primeiro livro, que se chama “Das categorias”, ensina como os universais dos universais funcionam em nossa cabeça. É uma espécie de princípio de gramática. No segundo livro, conhecido

como “Sobre a interpretação”, ele ensina a fazer interpretações de termos. No terceiro, “Analíticos anteriores”, Aristóteles explica a ciência da lógica. Em “Analíticos posteriores”, termina a explicação lógica. Depois, no livro “Tópicos”, Aristóteles ensina a dialética. É uma explicação de como, a partir do diálogo socrático, pode-se transformar isso em um método científico de descoberta. Por fim, há a visão do elenco sofístico. Aristóteles organiza os argumentos falsos. Essa leitura serve para a pessoa não se enganar com as argumentações que só são persuasivas, mas, na verdade, dizem mentiras.

Aristóteles em nova perspectiva

O Olavo de Carvalho, em seu livro “Aristóteles em nova perspectiva”, reorganiza o Organon, dizendo que o Andrônico de Rodes errou. Olavo pega uma tese mencionada por dois escritores medievais, São Tomás de Aquino e Al-Farabi, que é um islâmico, um árabe. Ambos mencionam que, aparentemente, “Poética” se integra ao corpo do Organon. Olavo, usufruindo desta concepção, estuda “Poética” e mostra o encadeamento aristotélico dos discursos, que serve para teoria dos discursos, para a educação e para analisar a formação das culturas. Olavo tem a teoria aristotélica da cultura, a teoria aristotélica da educação e a teoria aristotélica do discurso. Olavo desenvolve tudo isso explicando que a poética desenvolve primeiro a possibilidade, o reino da possibilidade, o possível. Aristóteles, em “A arte poética”, afirma que a ficção é mais filosófica que a história, justamente porque mostra possibilidades humanas, cósmicas, naturais, enquanto a história não, conta-nos o que foi. Entretanto, o que pode ser não está encerrado no que foi. Então, o que pode ser e o ideal podem ser passíveis de trabalho narrativo ficcional. A poética abre para as possibilidades. Por isso Olavo insiste para que as pessoas leiam muita literatura, povoem seu imaginário. Isso deriva da visão aristotélica dele. Ele diz, baseado em Leibniz, para as pessoas verem muitas figurinhas, viajem. Depois da “Poética”, viria “Retórica”. Então, Olavo acrescentaria “Retórica” ao corpo do Organon. A retórica é a construção de discursos persuasivos e a capacidade de adaptá-los às pessoas com quem se está falando. Assim, você adapta o que quer dizer a quem você está dizendo. Aristóteles conseguiu encontrar o segredo teórico para isso. Olavo de Carvalho ensina que o desenvolvimento do discurso, para conseguir persuasão e discussão, é uma segunda etapa. A terceira etapa é a da investigação científica, é a da probabilidade. Você teria que estudar os “Tópicos”. Aristóteles ensina como, na

confrontação das opiniões vulgares e das opiniões dos sábios, você aprende tudo que há. Você as confronta, observa a realidade e, disso tudo, você extrai algo novo. Essa é uma teoria aristotélica da descoberta. A primeira coisa que você tem que fazer quando pensa em algum assunto é coletar as opiniões dos sábios. Aristóteles fazia isso. Em “Ética a Nicômaco”, ele afirma que o bem e o fim coincidem. Por exemplo, na arte da navegação. Busca-se conduzir uma embarcação de um lado a outro, o qual se objetiva. Ou seja, a pessoa tem a finalidade de chegar lá. A pessoa conhece os segredos e enfrenta as dificuldades, os ventos, as tormentas, e chega no lugar que tem que chegar. Qual é o bem disso tudo? É chegar no lugar. Então, o bem e o fim coincidem. Aristóteles se questiona em qual é o bem supremo, o bem a que todos seres humanos se destinam. Percebe-se, no livro, que Aristóteles utiliza essa visão que Olavo de Carvalho disse que é a maneira de investigar.

A maneira de investigar

Aristóteles coleta as opiniões vulgares, das pessoas comuns. As pessoas dizem que o bem supremo é adquirir o maior prazer possível e a menor dor. Ou seja, ter prazeres e evitar a dor. Ele percebe que há um outro grupo de pessoas, ainda vulgares, que diz que o melhor é adquirir riquezas, no sentido de adquirir moeda de troca. Aristóteles diz que isso é algo cretino, porque se você adquiriu um bem que só serve para você adquirir outro bem e você não sabe o que você quer depois, vai ficar confuso na vida e se dar mal. Ou você vai cair no drama dos primeiros, de só querer prazer e evitar a dor, ou você vai ficar confuso e ter crises. Até hoje muitos ricos têm essas crises, pois tem o elemento de troca, mas não sabe bem o que quer, o que buscar. Aristóteles diz que há outros, mais sábios, que buscam o cumprimento do dever e a realização humana em algo que lhes dê prestígio e reconhecimento. São pessoas que, ao mesmo tempo que buscam cumprir o dever, buscam realizar um bem que é reconhecido como bem pela comunidade, de modo que sejam prestigiadas. São, geralmente, os bons militares. Um homem que vai à guerra, que arrisca a própria vida, não faz isso só pensando na riqueza. Ele tem uma visão de querer ser lembrado, de querer ficar na memória da sua comunidade, de querer se sacrificar pelo bem de todos. Há outras pessoas que valorizam muito mais o conhecimento acima de tudo. O bem é a sofia, é o saber. Isso se assemelha à teoria platônica das almas, afinal, Aristóteles era aluno de Platão. O que fica mais claro não é só que isso vem de Platão, mas que a teoria platônica é uma maneira filosófica de

explicar o que os mitos da antiguidade já diziam. No mito egípcio, havia uma explicação para a existência daqueles que são naturalmente escravos, para aqueles que são naturalmente trabalhadores, para aqueles que são mercadores, para aqueles que são militares e para aqueles que são sacerdotes. Na Índia, há o corpo de Brahman formando tudo. Os sudras são feitos justamente para o trabalho mecânico, para o trabalho físico. Os vaixás buscam riquezas. Os xátrias buscam o cumprimento do dharma, o cumprimento do dever sagrado e o prestígio. Há aqueles que buscam o Brahma, Deus, a contemplação das coisas, que são os brâmanes. Isso está presente nos mitos e Platão transforma em algo mais filosófico. Aristóteles, por sua vez, transforma em algo bem filosófico.

O objetivo dos seres humanos

Aristóteles mostra que, pela investigação científica que fez sobre o que é o bem supremo, é possível organizar as respostas em quatro, mas que todas podem ser juntas em uma palavra que as unifica, que é a *eudaimonia*. Essa palavra grega pode ser traduzida como felicidade. No fundo, todos buscam a felicidade. As concepções de felicidade derivam para a capacidade das pessoas, para as qualidades, para as características, e para o tanto de maturidade. Para Aristóteles, o bem do homem é o estágio de maturidade, porque este é o fim biológico. Assim como o fim biológico do abacateiro é dar abacate, o fim biológico do homem é realizar a capacidade racional. O homem é maduro quando chega em um estágio em que adquirir conhecimentos se torna muito importante para ele. Aristóteles diz que quando chega nesse estágio, o homem é um fruto maduro. O ser humano nos estágios anteriores não deixa de ser humano. Aristóteles não faz uma teoria que os torna indignos de consideração humana. Ele só está afirmando que eles não amadureceram, que não chegaram no nível mais alto. O amadurecimento ocorre quando o homem coloca a razão acima de tudo. E a razão prática, que é a prudência, e a razão teórica, que é a sabedoria. Aristóteles pensa que o ideal é que todos desenvolvam a vida racional, ou seja, o estágio de maturidade. Ao mesmo tempo, reconhece que nem todos vão chegar nisso. Então, ele entende que a colocação na sociedade também se deve à capacidade de algumas pessoas de amadurecer e à incapacidade de outras de amadurecer plenamente. É normal isso para ele.

Percebam como tudo vai derivando disso. A pólis, a comunidade organizada politicamente, serve para ser o habitat natural do homem pleno. Com isso, o Estado

deve existir para que as leis justas promovam a vida racional. Portanto, todas as leis devem se organizar para estimular a vida racional.

Como encaminhar as pessoas à felicidade?

Aristóteles se questiona como pode conduzir as pessoas mais diretamente à felicidade como a enxerga, à vida madura, à maturidade e à felicidade. Ele responde que o caminho mais curto é o caminho das virtudes. O acúmulo de virtudes vai amadurecendo os indivíduos, porque todas as virtudes que vão sendo acumuladas geram uma inteligência prática. Esta, por sua vez, tem uma ligação muito íntima com a inteligência teórica, que é a inteligência dos universais. Daí vem a metafísica. Aristóteles chega na metafísica ao se questionar qual é o saber dos saberes, o saber que não é a biologia, nem a psicologia, que é o saber das causas, as causas das causas. Ao se perguntar o que é essa sabedoria, Aristóteles chega na metafísica. Este termo foi cunhado por Andrónico de Rodes. Na hora de organizar os livros, Andrónico percebeu que havia a física e a meta da física, que é o que está além da física além da natureza. Aristóteles, na metafísica, reflete sobre a ciência das causas. Ele queria saber qual era a ciência que, uma vez conhecida, tornava o indivíduo sábio o bastante para conhecer as outras coisas e para fazê-lo conhecedor dos universais.

Aristóteles começa diferenciando a inteligência para resolver problemas da vida prática, como consertar um moinho, ou seja, que tem capacidade mecânica, de uma outra pessoa que é técnica. A pessoa técnica, além da capacidade mecânica, sabe explicar como se constrói o moinho. Um é o artífice. Ele sabe fazer, mas não sabe explicar. O outro tem o nível técnico, ele ainda saber dar a explicação e dizer como funciona a coisa. O sábio não sabe só como a coisa funciona. Ele sabe, principalmente, como aquela coisa se encaixa em todas as outras e o que é aquela coisa.

Vamos transformar isso em um exemplo em relação aos cavalos. Uma coisa é o domador. Outra coisa é a pessoa que tem a técnica, que conhece como domar, mas que também ensina e sabe curar. Esse é o veterinário. Ainda tem aquele que só estudou na faculdade de veterinária. Ele tem muito conhecimento sobre os cavalos, mas ele só estudou. Esse é o sábio. Ele tem os universais. Ele sabe mais que os outros, mas os outros são práticos. É possível que tenham mais capacidade de resolver um problema, mas o sábio sabe mais. Ele estudou muito mais os cavalos.

Aristóteles diz que os sábios têm as causas e os universais, enquanto os práticos têm a capacidade de fazer as coisas.

A ciência das causas

Há, ainda, a metafísica, a ciência das causas. Como esse tema é complexo, quero abordá-lo rapidamente. Aristóteles dizia que existem quatro causas, as quais o sábio tem que conhecer.

- 1) A causa material: a causa material é de que é feito algo. Por exemplo, essa mesa que está na minha frente. Ela é feita de vidro e madeira.
- 2) A causa formal: a causa formal responde a pergunta “o que é isso?”. No meu exemplo, a resposta é uma mesa.
- 3) A causa eficiente: aquela que impõe a forma à matéria. No meu exemplo, a forma é a ideia de mesa. A matéria é o vidro e a madeira. Então, é aquela que transforma a matéria-prima.
- 4) A causa final: responde a pergunta “para que serve a mesa?”. A mesa pode servir para ornamentar, para servir de apoio, para servir as refeições, etc.. Essa é a finalidade. A causa final é a causa que te dá o fim do objeto, não no sentido de término, mas de finalidade.

Aristóteles aplica isso ao universo, aos homens, às coisas. Sempre pensando nessas quatro causas. Os filósofos pré-socráticos ficaram presos na causa material, de que é feito. Platão ficou preso na causa formal, o que é. Aristóteles se entende como o grande porque traz esse aspecto complementar da causa eficiente e da causa final. Aristóteles fecha a metafísica como a ciência das causas, explica essas quatro causas e diz que as coisas podem ser explicadas por elas.

A teologia aristotélica

Isso pode ser muito extenso, porque podemos aplicar essa teoria das quatro causas ao cosmos. Se você aplica isso ao cosmos, percebe que ele é feito de algo. É com isso que se debatiam os pré-socráticos. O cosmos tem uma ordem, que é a forma. O cosmos teria sido feito. E o cosmos tem uma finalidade. Isso dificulta muito. Há uma teologia aristotélica dentro da metafísica em que Aristóteles cria a ideia de um Deus único.

Platão já havia falado de um Deus, de um demiurgo. Infelizmente, essa parte é muito complexa para ser abordada hoje. Seria preciso fazer a leitura de “Timeu”, outro diálogo platônico.

A teologia aristotélica é muito interessante. Para Aristóteles, o Deus é aquele que vive no mundo da contemplação. A atividade contemplativa é o ápice da humanidade. A atividade contemplativa é a atividade racional, é a atividade de olhar para as coisas e desvendar as causas nas coisas. De buscar a teoria. Teoria, em grego, é visão. A atividade contemplativa é buscar ver aquilo que está por trás das coisas. É a busca da inteligência teórica. Deus é o ser que vive com os universais. Ele é um ser contemplativo e permanentemente contemplativo.

Ao questionamento “Deus pensa em nós?”, Aristóteles responde que somos pequenos e efêmeros demais. Deus não pensa em nós. Deus só pensa no universal de humanidade ou coisas assim. Ele afirma que Deus influencia o ser humano pelo amor. Vocês estão pensando: meu deus, ele conhecia Jesus Cristo, um homem que está no século IV a.C.? Não, ele diz pelo amor, mas é o contrário. O Cristianismo traz uma coisa que os gregos não tinham pensado. Deus sai de onde está, faz-se homem e vem até nós para nos ensinar e salvar. Para Aristóteles, amamos a perfeição e Deus é o exemplo de perfeição. Deus é o exemplo de vida racional plena. Nós amamos essa vida racional e nos dirigimos a ele. É como se Deus fosse o ser amado. Aristóteles diz que um ser tão grandioso e tão perfeito, não ama, é amado. Assim como as pessoas belas, elas são mais amadas do que amam. As pessoas inteligentes, também. E por aí vai. Então, Deus é o ser amado. Nós, por amarmos a Deus, dirigimo-nos a ele e nos aperfeiçoamos, aproximando-nos da vida que ele tem.

Embora esse final de aula tenha ficado complexo, achei interessante apresentar um pouco da teologia aristotélica para ser introduzida em uma aula que teremos posteriormente. Quando explicar São Basílio e Santo Agostinho, vou afirmar que o cristianismo herda a civilização grega e romana. Eu vou explorar em que medida os cristãos enxergam, nos pensadores gregos, antecessores deles.

Sócrates é um homem que morreu pela verdade, pelo logos. O discurso veraz, para os gregos, é o logos. É a mesma palavra que João, o evangelista, usava para se referir a Jesus Cristo e a Deus, o logos, o verbo. Logos encarnado é Jesus Cristo. Sócrates se sacrifica para defender a verdade, o logos. Ao mesmo tempo, percebe-se que Aristóteles chega à ideia de um Deus único mesmo estando cercado por um mito, por uma religião politeísta, que tinha leis que obrigavam as pessoas a acreditarem e a praticarem aqueles rituais. Ainda assim, escreve sobre um Deus único. Então, em alguma medida, são antecessores que, pela razão, chegaram em

algumas coisas muito semelhantes. No entanto, a razão tem limite. Posteriormente, a revelação vai completar isso.

Para mim, Aristóteles é exemplo de sabedoria mesmo, de busca de sabedoria, de sábio. Ele fundou a maior parte das ciências que existem hoje. Fundou as instituições que cultivam a ciência, museus, zoológico, jardim botânico. É um homem que fundou uma instituição escolar cujo método pedagógico até hoje - Olavo insiste muito nisso-, é muito útil a nós. Aristóteles foi um filósofo de mão cheia na medida em que desenvolveu teorias explicativas que até hoje são discutidas. A ciência muda tanto de ideia em tão pouco tempo. A filosofia também pode mudar, mas é mais duradoura. Ela está lidando com ciências de causas mais remotas, então as suas discussões duram séculos e milênios. E o Aristóteles ainda tem de ser lido por todo estudante de filosofia. Ele tem uma importância absurda. Platão também tem, mas, é uma preferência pessoal, eu acho aristóteles mais completo, mais abrangente, mas nós não temos o benefício de conhecer os seus livros literários, então, ler Platão acaba sendo mais agradável mesmo.

Sócrates é o sacrifício pela verdade, o primeiro ensino moral. Aristóteles é a teorização disso tudo, é a vida contemplativa e racional em seu máximo desenvolvimento, de modo que até hoje dependemos do que ele fez. Ele demorou a ser absorvido. Ele foi absorvido em Roma e depois foi tudo perdido de novo por causa das invasões bárbaras e só porque um mosteiro na França e alguns árabes tinham feito cópias, a Idade Média recupera Aristóteles, que entra em voga de novo nos séculos 13 e 14. Como Aristóteles passa a embasar a teologia católica, passa a ser estudado, sobretudo por São Tomás de Aquino, que utiliza todo esse aparato construído por Aristóteles não mais só para natureza, para o cosmos e para o ser humano, mas também para Deus.

Vocês vão falar: mas você não falou que Aristóteles também falou de Deus? Sim, mas sem a revelação. Agora São Tomás de Aquino tinha que lidar com o mistério da revelação e ele usou o homem mais inteligente para ele, ele o chamava de o filósofo, e sua visão, e seu método, para tentar interpretar o mistério da revelação cristã. O impacto de Aristóteles, no século 19, ainda volta muito forte na biologia e na psicologia. Conhecer Aristóteles é importante.

Espero ter dado uma boa introdução. Vocês podem encontrar outras introduções no próprio Emile Boutroux, que eu citei para o Sócrates, e no Giovanni

Reale, que tem um livro sobre o Aristóteles. E no livro do Olavo de Carvalho, o “Aristóteles em nova perspectiva”.

Para próxima aula, leiam “Alexandre e César” de Plutarco. Plutarco era um biógrafo. Ele dizia que não era historiador, era uma espécie de pintor de vidas por meio da escrita. Podem ler também “Licurgo e Numa Pompílio” fiquem à vontade porque é muito interessante de ver como é introduzida a lei espartana por meio da vida de Licurgo. Não sabemos se aquilo é exatamente histórico, mas é uma lenda na qual muitas pessoas acreditavam até então, e Numa Pompílio é um dos legisladores que deram início à Roma, à monarquia romana. Ele, com uma espécie de estabelecimento de lei, religião e harmonização dos povos no entorno, consegue fazer com que a monarquia romana durasse por muito tempo. Essas são as leituras para a próxima aula, entraremos em Roma, sempre com essa comparação entre esta e a Grécia. Depois, sucederemos Roma com São Basílio e Santo Agostinho fazendo justamente uma transição entre o mundo greco-latino, até o pensamento pagão, e o pensamento cristão e a harmonia do mistério da revelação com o pensamento clássico.

PERGUNTAS:

- 1) Tem alguma explicação, alguma teoria, para o fato da contribuição de Aristóteles ter ficado tanto tempo nas sombras, e ter surgido só depois de tanto tempo?

Tem. Primeiro, a parte histórica, porque, com as várias guerras que levaram ao declínio do império romano, as obras do Aristóteles foram perdidas, queimadas, etc.. Mas, ao mesmo tempo, algumas cópias foram feitas por algumas poucas pessoas e isso acabou chegando nos árabes e em outro grupo, que ficou escondido no mosteiro francês por um tempão. Então, foi problema de guerras, que fez com que as obras se perdessem, e problema de falta de continuidade nas traduções.

A maior parte do legado grego escrito que nós temos veio mediante cópias feitas por incentivo de Alexandre, o Grande. Alexandre, o Grande. Ele mandou que fossem feitas cópias de sete livros de cada um dos dramaturgos. Sófocles escreveu oitenta livros e hoje temos somente sete, por causa do Alexandre, o Grande.

Plutarco conta que Aristóteles achava que esses livros do Liceu deveriam ser divulgados, mas que Alexandre, o Grande, achava que esse era o maior segredo deles. O Plutarco afirma que Alexandre, o Grande, dizia que não se orgulhava tanto

de ser rico, de ser poderoso, de ser um conquistador de guerras, como se orgulhava de ter o conhecimento que o Aristóteles o havia transmitido. Por isso, dizia que não era para ensinar isso para os outros. Alexandre, o Grande, traduziu a literatura, mas, do Aristóteles, ele não quis traduzir. Essa foi uma briga que Alexandre teve com Aristóteles. Aristóteles escreveu o texto da metafísica para divulgação. Alexandre cobrou que ele ia contar para todo mundo o segredo, estragando a superioridade dele. Ou seja, esses livros aristotélicos sumiram também porque não houve as cópias promovidas por Alexandre, que dão a base quando pensamos em ensino clássico grego, Ilíada, Odisseia, os textos de Hesíodo, os textos de Sófocles, os textos de Eurípides, Ésquilo. Isso foi tudo copiado por Alexandre. Só que Alexandre queria esconder os segredos de seu mestre. Está aí uma explicação para o sumiço e para o retorno das coisas.

Mas você vê que tem dois momentos de retorno? No primeiro retorno, os textos são encontrados em uma adega no contexto da república romana, que é uns dois ou três séculos depois da morte de Aristóteles. E o outro é encontrado quase 12 séculos depois. É muito tempo. Aristóteles é absorvido e passar a ser discutido. Absorver é ler, interpretar, escrever a respeito e discutir. Aristóteles ficou muito tempo na obscuridade.

Tem uma última explicação, para completar essas visões. No início, os padres católicos relacionavam muito sutilmente o evangelho, ou seja, a grande mensagem evangélica, e a bíblia hebraica, com a filosofia. Sutilmente porque encontravam elementos filosóficos nas cartas paulinas. São Paulo e João tinham alguma formação filosófica. Encontra-se alguma formação filosófica em tudo que é grego da bíblia. Mas, ainda assim, não é um diálogo com a filosofia, é um fundamento remoto. Quando vai surgir o diálogo direto? Quando os padres tiveram que dialogar com as comunidades e responder as perguntas delas. Então, havia muitos filósofos, muitas pessoas de formação filosófica, que questionavam a revelação cristã, e aí eles passaram a ler Platão, por exemplo. Os neo-platônicos foram os primeiros a ser lidos. Isso foi sendo integrado. Aristóteles era visto como uma espécie de materialista impossível de entrosar com a revelação cristã. Ele também foi escondido e deixado de lado. Porque provavelmente algumas cópias dele estavam em Alexandria. E Alexandria foi considerada pagã e destruída por alguns cristãos em um momento. Depois, quando os cristãos tiveram uma outra compreensão, reergueram-na. Então, voltou a ser destruída, desta vez pelos muçulmanos. Nesse momento, os cristãos não entendiam

que Aristóteles eram harmonizável com a revelação, entendiam que era um ateu que só atrapalhava. Até que vai chegar Boécio, no século XII, que vai mostrar que Aristóteles é plenamente adaptável. Só que ele mostrou em alguns elementos do discurso também. Com São Tomás de Aquino, virou o padrão da parte racional da igreja.

2) Qual é a vinculação que Platão fazia entre o corpo e a mente para exigir que as pessoas estivessem bem corporalmente?

O Platão tinha a visão de que o corpo escravizava e tolhia a mente. O corpo é uma espécie de cárcere momentâneo da alma. O corpo tem que ser trabalhado em uma espécie de sutilização. Isso é semelhante ao que alguns indianos veem. Grupos indianos dizem: é muito grosseiro o que você come. Você tem que comer coisas que sejam menos grosseiras. Há até termos energéticos. Isso não é platônico, estou apenas fazendo uma analogia. Para vocês entrar em uma vibração mais sutil, para você fazer com que sua alma fique mais livre.

Platão também tinha essa visão. Teu corpo te escraviza tanto mais quanto mais tua vida é grosseira. Quer dizer, se você é um sedentário que não faz exercício físico, a tua mente também funciona pior, porque teu corpo vai te escravizar mais com mais doenças, com mais dores, com mais exigências. Porque provavelmente você é sedentário porque é preguiçoso. Isso adoce tua alma. Você é sedentário porque é um gordo comilão, então isso adoce tua alma na medida em que você fica querendo comer, comer, comer. Ou, você é um lascivo e fica só pensando em sacanagem. Isso atrapalha tua alma. Como a tua alma vai ficar mais desenvolvida? Tem que ter dieta, tem que ter um comportamento de evitar prazeres desnecessários, um comportamento de abstinência sexual, um comportamento moral. E aí o teu corpo vai te liberar. Ele vai liberar tua alma. Ela não vai ser mais tão escrava e você vai ser capaz de chegar à ideia, quando você estiver pensando. Essa é a ideia dele.

Na dialética platônica, tem um caminho espiritual de ascese, é uma espécie de meditação, você vai fazer o diálogo interno, aquele diálogo socrático. O Platão deixa entrever isso, mas a Hannah Arendt trabalha muito isso. Ela diz: a reflexão é você fazer como Sócrates, só que silenciosamente. Dentro de você, você se perguntar: “o que é tal coisa?” e argumentar caso a resposta não seja suficiente, solicitando qual é a definição. Você encontrar as palavras certas para explicar os fenômenos sozinho. Então essa ascese, se você interpretar platonicamente, é a tua subida ao mundo das

ideias, e a tua recordação. Você já viu, está no teu repertório. Então vai, vai, dialoga sozinha, pega a ideia. Com um corpo pesadão, enguiçado, grosseiro, você teria essa dificuldade, porque você é um preguiçoso, um lascivo, e um glutão. Você tem que desenvolver as virtudes. A primeira virtude é a temperança. A virtude até do trabalhador. Você tem que segurar o excesso de prazeres.

Comentário: parece muito oriental. Tem algum registro de algum vínculo dele?

Não. Eu já tive essa curiosidade, e tem, se você observar, há quem aponte a origem oriental da filosofia. Isso é uma polêmica. Eles resolvem a coisa desse modo: eles viajaram para o oriente e tinham elementos orientais. Mas os elementos orientais, ainda que muitos sofisticados, eram muito religiosos e muito míticos, digamos assim. Lembrem que eu expliquei na outra aula, o mito não é mentira, necessariamente. Mito tem um pouco de ficção, um pouco de história, um pouco de ensino moral, um pouco de reflexão forte, um pouco de reflexão profunda, mas é porque é explicada na maneira narrativa.

A compreensão é que a filosofia é uma maneira nova de refletir, que é aquela do Tales. Eu vou dar uma resposta racional, lógica, explicativa, que confronte hipóteses. Platão fez isso. Só que algumas hipóteses eram semelhantes às dos mitos. Aí as religiões orientais. Outras hipóteses, não. Em "A República", Platão falava que na Grécia ensinavam para as crianças o mito, os faziam memorizar e ficavam muito nisso, mas que não valia a pena ensinar os mitos cheio de incestos e um monte de deuses idiotas, porque faz isso mal. Em alguma medida, Platão defendia a superioridade da filosofia sobre o ensino mítico, moral-religioso.

A origem oriental da filosofia só se prova como uma ampliação de conteúdos ou absorção de conteúdos que, em alguma medida, já estavam presentes no mito grego mesmo. O mito grego já tinha nele essa ideia de alma e corpo e já tinha nele exemplos das virtudes buscadas pelos gregos. Em Odisseu, você tem o exemplo da virtude buscada pelos gregos, que é a inteligência. Você tem a virtude exemplificada em Aquiles, que é o ânimo heroico e a virtude do enfrentamento de dificuldades quase que de forma sobrehumana. Tudo bem que Aquiles era sobrehumano, mas Odisseu não era. Você tem o limite do humano mostrado em um Édipo. Ele e os seus pais se excederam e desrespeitaram os deuses então eles receberam a culpa. Tudo isso está no mito grego. Então, já estava no mito grego também essa visão de alma e corpo. O Platão, a meu ver, desenvolve de forma original a explicação filosófica da coisa e também alguns aspectos dessa visão, da educação, os detalhes de como a alma é

feita e constituída. A outra hipótese não é que ele aprendeu com os orientais, mas que o mundo antigo, em geral, compartilhava uma visão cosmológica um tanto parecida. Ainda que os mitos fossem diferentes. A própria Idade Média, um monge escreveu que existem aqueles que trabalham, são servos. Aqueles que governam e lutam, são os nobres. E aqueles que estudam e rezam, que é o clero. É quase a mesma coisa. É muito parecido com a visão platônica, com a visão aristotélica, com a visão indiana. É uma cosmologia muito comum nos povos antigos e medievais. A questão é que os orientais mantêm uma sabedoria não tão pública, não tão filosófica, no sentido de ser realmente pública, racional e feita com autoridade da demonstração.